

**DIANTE DA BRANQUITUDE EM UMA REGIÃO QUILOMBOLA: A CRIAÇÃO DE GUIAS PEDAGÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA DE ARTE CONTRACOLONIAL EM MILHO VERDE-MG**

Isabela Parada

Programa de Pós-Graduação em Educação - Unimontes

2222.belaparada@gmail.com

**Palavras-chave**: Autodecolonização. Branquitude. Autoetnografia. Escola de arte. Guias pedagógicas

**Resumo Simples**

Há uma década, vem sendo realizada pela pesquisadora uma ação de recuperação ambiental na nascente da microbacia Jequitinhonha, em Milho Verde-MG, e neste local será construída uma escola de arte: um espaço dedicado à arte e à natureza, propício a ser um ateliê aberto para criação e produção artística; a ser um espaço de pesquisa e reflexão sobre o fazer artístico; e a se curar e realizar exposições e residências artísticas. Para tanto, foi projetada esta pesquisa com o objetivo de criar guias pedagógicas que direcionarão este espaço de arte, guias que venham do poder erótico (LORDE, 2019) e tenham uma função ética estruturadora do pensamento por meio de palavras-alma, conceito trabalhado por Rolnik (2018), para melhor direcionamento de ações micropolíticas nesta escola de arte. Busca-se responder à seguinte questão: o que significa, de fato, uma ação educativa contracolonial, no campo das artes visuais? E a resposta exige um processo de autodecolonização (ESBELL, 2020; KILOMBA, 2019). Por Milho Verde estar em uma região quilombola, é necessária a atenção às relações raciais, motivo pelo qual a pesquisa está vinculada ao pensamento contracolonial (SANTOS, 2015, 2018, 2020) e inserida no Grupo de Pesquisa para Educação Decolonial PluriEtnoPopular da Universidade Estadual de Montes Claros (GDECO-ETNOPO/Unimontes). Tendo a branquitude como objeto de estudo, esta investigação é de cunho teórico e tem a proposta metodológica de campo-tema (SHUCMAN, 2020), que permitirá o desenvolvimento de uma autoetnografia (PATZDORF, 2022; RAIMONDI et.al, 2020). O referencial teórico decolonial, com recorte nas questões raciais, propiciará identificar e desvelar mecanismos que impõem relações raciais de poder, a partir do conhecimento do fenômeno histórico-social da construção e constituição da branquitude. Posto que a autoetnografia apresenta uma abordagem das experiências próprias a quem realiza a pesquisa, traçou-se uma trajetória de investigação que vai agenciar movimentos imanentes de ações artísticas da pesquisadora, concomitantes a movimentos de busca pela memória do espaço onde se dará a construção da escola de arte, a partir de diálogos e conversas informais, tidas como instrumentos nesta metodologia. O ensaio será a forma de escrita privilegiada, uma vez que este também se apresenta como um modo decolonial de produção científica (NASCIMENTO, 2021), e a dissertação resultante virá a ser uma narrativa do processo de autodecolonização. Apresentará a reflexão sobre a reavaliação e recriação de um papel de atuação sociocultural na comunidade constantes na investigação, que será, ao fim, um movimento não só de interpretação da realidade, mas de sua transformação.

**Referências**

ESBELL, Jaider. *Autodecolonização*: uma pesquisa pessoal no além coletivo. Uma pesquisa pessoal no além coletivo. 2020. Disponível em: http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/08/09/auto-decolonizacao-uma-pesquisa-pessoal-no-alem-coletivo/.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como um poder. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 67-74.

NASCIMENTO, Rafael Baioni do. O ensaio como forma e a narrativa como método: encontros com a teoria crítica e o feminismo negro. *Educação, Escola & Sociedade*, Montes Claros, v. 14, n. 16, p. 1-26, ago. 2021. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIIMONTES).

PATZDORF, Danilo. *Artista-educa-dor*: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental(izado). 2022. 174 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo.

RAIMONDI, Gustavo; MOREIRA, Claudio; BRILHANTE, Aline; BARROS, Nelson. A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva: (des)encontros método+lógicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 12, p. 1-13, dez. 2020. Fundação Oswaldo Cruz.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição*: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *Colonização, quilombos*: modos e significados. Brasília, INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo dos; MAYER, Joviano. Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Indisciplinar*, 6(1), p. 52-69, out. 2020. Escola de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, número 12, p. 44-51, ago. 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020.